



Nem sempre o que o professor ensina corresponde às aspirações e necessidades dos alunos.

Ilustração do livro de Nelson Piletti. Psicologia Educacional. Ed. Ática

As proposições do sócio-interacionismo podem ser consideradas absolutamente compatíveis com as exigências das novas formas de relação com o conhecimento, em função do caráter relacional dessa proposta. O conhecimento deixa de ser consumido, assimilado passivamente e passa a ser produto de processos de elaboração e construção. A tangência visível entre as propostas de Paulo Freire e o sócio-interacionismo de Vygotsky surgem na abordagem do indivíduo como sujeito do processo de aprendizagem; processo esse que não pode ser fragmentado ou descontextualizado da realidade histórica e social do indivíduo.

A abordagem realizada apresenta uma das principais Teorias da Aprendizagem atualmente estudadas na educação. Ela se propõe a buscar uma interação reflexiva sobre como a Marinha do Brasil se comporta diante desses novos conhecimentos.

Estamos buscando o aperfeiçoamento, enfatizando aulas práticas, adquirindo recursos instrucionais modernos, didáticas adequadas e modernizando laboratórios. Criamos o Centro de Estudos do CFN e estamos preparando melhor os nossos instrutores. Longe de nos contentarmos, continuamos caminhando para que o aprendizado se torne significativo e nossos alunos, razão da nossa existência, sintam-se parte ativa desse processo.

Portanto, “Em acelerado, Fuzileiros”, continuaremos determinados na construção de um Centro de Excelência”.

ADSUMUS.

BIBLIOGRAFIA

DUARTE JUNIOR, João Francisco. Fundamentos estéticos da educação. São Paulo: Cortez, 1981.

GÓES, Maria Cecília. A natureza social do desenvolvimento psicológico. In: CENTRO DE ESTUDOS EDUCACIONAL E SOCIEDADE. Pensamento e linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética. 2 ed. São Paulo: Papyrus, 1991, p.17-24.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1995.



CT (FN) Daniel de Vasconcelos Campos

Entrevista: Vice-Almirante (Ref^o) Roberto Mário Monnerat

No dia 28 de setembro de 2008, o Exmo. Sr. Vice-Almirante (Ref^o) Roberto Mário Monnerat, concedeu à revista “Âncoras e Fuzis” uma entrevista que versou, dentre outros assuntos, sobre a sua vasta experiência adquirida em mais de quarenta anos na carreira naval e as suas diversas contribuições prestadas à Marinha do Brasil.

O Alte. Monnerat ingressou na Marinha do Brasil em 1934; atleta de Escol na Escola Naval, foi pentacampeão na modalidade de natação. Velejador entusiasta, participou por mais de trinta anos de regatas oceânicas nacionais e internacionais. Pela primeira vez representou a Marinha na Regata Buenos Aires - Rio em 1950, no comando do veleiro “Albatroz” da Escola Naval e o Brasil na Regata Admiral’s Cup, na Inglaterra em 1971, no veleiro “PLUFT” de propriedade do Sr. Israel Klabin. Durante a 2ª Guerra Mundial, participou em escoltas de dezesseis comboios de navios mercantes e de missões de patrulha, do Rio de Janeiro a Recife, no “Cruzador Rio Grande do Sul”, e de Recife à Trinidad no Caça Submarinos – CS “Guarujá”. Terminada a guerra, sendo qualificado Aviador Naval, contribuiu ativamente na estruturação e desenvolvimento da nova Aviação Naval. Foi Oficial de Operações e Imediato do Navio Aeródromo NAel. “Minas Gerais”, e Comandante do Centro de Instrução e Adestramento Aeronaval da Base Aeronaval de S. Pedro d’Aldeia e da Força Aeronaval.

Comandou a Força de Transporte da Marinha (FTM), o 6º Distrito Naval (S. Paulo e Mato Grosso) e o Comando-em-Chefe da Esquadra, passando à reserva, a pedido, em janeiro de 1977, no posto de Vice-Almirante.



O grande Chefe Naval, Alte Monnerat concedeu esta entrevista a revista Âncoras e Fuzis em outubro de 2008, vindo a falecer no dia 1º de maio do corrente ano

CIASC - Como V.Exa. resumiria sua passagem pelo Serviço Ativo da Marinha, nos momentos mais relevantes?

Alte Monnerat – A minha vida na Marinha foi bastante intensa. Durante toda a guerra participei da escolta de comboios, seguido de longa fase dedicada à polêmica implementação da nova Aviação Naval e, posteriormente, no meu envolvimento em Operações Anfíbias, assunto principal desta entrevista.

CIASC - Como aconteceu a aproximação de Vossa Excelência com o Corpo de Fuzileiros Navais?

Alte Monnerat – Em janeiro de 1968 fiz parte de uma comitiva de dez Oficiais, da qual quatro eram do Corpo de Fuzileiros Navais, como Observadores da Marinha, na Operação SPRINGBOARD, realizada pela Marinha Americana em Porto Rico (USA).

Nunca tinha participado de qualquer Operação Anfíbia. Apenas delas tivera conhecimento, quando fiz o curso de Comando e Estado-Maior, na Escola de Guerra Naval.

As perspectivas de participação nessas operações eram relativamente raras e não muito animadoras naquela época, dadas a complexidade e precariedade de meios nelas envolvidos e o pouco que deles dispúnhamos.

Até mesmo a sua terminologia, nos causava certa estranheza. Termos e expressões como desova de EDVP, casamento de pontões, abicagens e retrações, considerados como apelidos de encalhes e desencalhes, vagas de assalto, estações de transbordo, esteiras de desembarque, etc., eram tidos como novidades usados pelos instrutores do CFN para nos impressionar.

Em março daquele mesmo ano, retornei a Porto Rico no meu navio, o NTr “Soares Dutra”, como Comandante de um Grupo Tarefa Anfíbio, para participar também com a Marinha Americana da Operação Combinada VERITAS I, primeira realizada pela nossa Marinha em território estrangeiro. Dela participaram 400 Fuzileiros Navais.

Tal operação serviu-me de motivação justamente para melhor conhecer uma atividade diferente, mas tão importante e ainda tão incipiente dentre os componentes do nosso Poder Naval. Felizmente a situação hoje é bem melhor.

Ainda em setembro de 1968 fizemos com o mesmo NTr “Soares Dutra” a Operação PRE-DRAGÃO, na Ilha Grande, destinada ao adestramento de futuros exercícios e Operações Anfíbias.

Em dezembro de 1969, fui promovido ao posto de Contra-Almirante e tive o privilégio de ser nomeado Comandante da Força Aeronaval. Tendo como Capitânea o NAE L “Minas Gerais”, tive novamente a oportunidade de me dedicar às atividades da minha especialidade, a Aviação Naval.

Em outubro de 1971, fui designado para servir no Estado-Maior da Armada, em Brasília, onde permaneci até março de 1973, quando fui nomeado Comandante da Força de Transporte. Voltei então ao convívio com as Operações Anfíbias, reconhecidas como das mais complexas dentre as Operações

Navais, que passaram a ser para mim, uma espécie de subespecialidade, dado ao número de exercícios (ANFIBIEX) e Operações Anfíbias (OPANF) em que fui envolvido.

A FTM era constituída por: dois NDCC – “Duque de Caxias” incorporado em julho de 1973 e “Garcia D’Ávila”; três NTr – “Soares Dutra”, “Ary Parreiras” e “Barroso Pereira”; Navio Escola “Custódio de Mello”; Navio Tanque “Marajó”; e o GED (Grupamento de Embarcações de Desembarque) com apenas 15 EDVP e 3 EDVM, localizado na Ilha de Mocanguê Grande.

De início, foram feitos exercícios de abicagens diretas e retrações com os dois NDCC e as EDVP, nas praias consideradas limpas, no litoral dos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Esses exercícios eram realizados após o levantamento e análise dos gradientes (declividade dos fundos) e relevos submarinos das praias, executados por equipes de Mergulhadores de Combate.

Nessa ocasião, eram feitas a análise da velocidade e da direção dos ventos predominantes, correntadas e amplitude das marés, granulometria e identificação dos sedimentos dos fundos (areia, lama ou pedra), direção das raias de abicagem e facilidade de ligação com rodovias, visando o desembarque e posterior interiorização das tropas no terreno.

Foi iniciada a recuperação dos quatro pontões de desembarque do NDCC “Duque de Caxias”, que estavam largados no fundo de um dique seco, na Ilha do Mocanguê Pequeno (antigas oficinas do Loyde Brasileiro).

Simultaneamente, foram reativados os quatro motores elétricos que manobravam com cabos de aço, usados no sistema de içar e prender os pontões ao costado do navio.

Terminada a recuperação dos pontões, foram iniciados exercícios de abicagens do NDCC “Duque de Caxias” com o uso dos pontões e abicagens diretas do NDCC Garcia D’Ávila, na Praia Grande da Ilha do Governador, área ocupada pelo Batalhão Paissandu.

Em julho de 1973, fui promovido ao posto de Vice-Almirante, permanecendo no Comando da Força de Transporte da Marinha.

Nos meses seguintes (agosto, setembro e outubro), foram feitos exercícios de abicagens diretas das EDVP dos NTr em outras praias da costa sul/sudeste, nos Estados de Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Em novembro de 1973, foi realizada a Operação “MARAMBAIA” de transporte de material e tropas do CFN para o Centro de Recrutamento situado na Praia Suja da Ilha da Marambaia, com os dois NDCC.

No mesmo mês, fizemos a Operação “VITÓRIA” de transporte de tropa de 200 militares do Exército e de viaturas do Rio de Janeiro para Vitória e retorno ao Rio, com os dois NDCC e o NTr “Barroso Pereira”. Creio que essa foi a primeira vez que o Exército tomou parte numa Operação Anfíbia.

Ainda em novembro, houve a Operação Pré-Dragão IX, ensaio da última do ano, a DRAGÃO IX, realizada em dezembro com os dois NDCC e os NTr “Soares Dutra” e “Barroso Pereira”, em Ilhéus, na Bahia.

Após um pequeno hiato nas atividades do ano de 1973, reiniciamos em fevereiro de 1974 um adestramento mais intenso de Operações Anfíbias, como se depreende do quadro abaixo:

ANO DE 1974	TIPO/OPERAÇÃO	UNIDADES PARTICIPANTES	LOCALIDADES
FEV	ADEST. OPANF	NDCC Garcia D`Ávila GPTO EDVP/EDVM	RIO - ILHA GRANDE - RIO
MAR	ADEST. OPANF	NDCC Garcia D`Ávila GPTO EDVP/EDVM	RIO - ILHA GRANDE - CABO FRIO - RIO
MAR	ANFIBIEX II	NDCC Duque de Caxias NDCC Garcia D`Ávila	RIO - ILHA GRANDE - RIO
ABR	ADEST. OPANF	NDCC Garcia D`Ávila	RIO - UBATUBA - RIO
MAI	ADEST. OPANF TRANSP. MATERIAL PARA IPQM	NDCC Garcia D`Ávila	RIO - CABO FRIO - RIO
JUN	ANFIBIEX IV E VI	NDCC Duque de Caxias NDCC Garcia D`Ávila	RIO - ILHA GRANDE - UBATUBA - RIO
JUL	ANFIBIEX VIII	NDCC Garcia D`Ávila	RIO - CABO FRIO - RIO
AGO	ANFIBIEX IX	NDCC Garcia D`Ávila	RIO - UBATUBA - RIO
AGO	ANFIBIEX X	NDCC Garcia D`Ávila	RIO - UBATUBA - RIO
SET	ADEST. P. OPERAÇÃO DRAGÃO X	NTr Barroso Pereira NTr Soares Dutra GPTO EDVP/EDVM	RIO - ILHA DO GOVERNADOR
SET	OPERAÇÃO PRÉ-DRAGÃO ANFIBIEX XI	NDCC Duque de Caxias NDCC Garcia D`Ávila	RIO - SANTA CATARINA - RIO
OUT	OPERAÇÃO DRAGÃO X	NDCC DUQUE DE CAXIAS NDCC GARCIA D`ÁVILA NTR SOARES DUTRA NTR BARROSO PEREIRA GPTO EDVP/EDVM	RIO - STA. CATARINA - RIO
NOV	LEVANTAMENTO GRADIENTES PRAIAS	HELICÓPTEROS DO ESQD. HU-1	13 PRAIAS DO NORDESTE
DEZ	ADEST. OPANF	NDCC DUQUE DE CAXIAS	RIO - ILHA GRANDE - CABO FRIO - RIO

Prestes a completar dois anos no comando da FTM, em breve eu seria fatalmente substituído e não teria oportunidade de levantar as praias do litoral nordeste, visando futuros exercícios anfíbios.

Decidi, então, usar pela primeira vez helicópteros para auxiliar no levantamento de algumas daquelas praias.

Como co-piloto de um dos seis He do Esqd HU-1 cedidos pela Força Aeronaval, contei com a colaboração de seus pilotos, de oficiais do meu Estado-Maior e de uma equipe de Mergulhadores de Combate. Foi, então, feito o levantamento dos gradientes e condições de quatro praias na Bahia, uma em Alagoas, duas em Pernambuco, duas na Paraíba, três no Rio Grande do Norte e uma no Ceará.

A experiência adquirida, em sobrevôo daquelas treze praias, nos indicava com bastante precisão, o acerto da iniciativa de se usar helicópteros nessas missões, devido à

grande facilidade que propiciavam.

Em fevereiro de 1975, com pesar, deixei o comando da FTM, sendo designado Comandante do 6º Distrito Naval (São Paulo e Mato Grosso), onde participei, ainda, da OPERAÇÃO NINFA VI em Ladário (MS) com a Marinha do Paraguai.

Em 14 de janeiro de 1976, assumi o Cargo de Comandante em Chefe da Esquadra, quando, além de uma intensa fase de exercícios operativos, tive a oportunidade de, pela primeira vez, comandar a Força-Tarefa Anfíbia combinada, a OPERAÇÃO DRAGÃO XII, nos meses de setembro e outubro de 1976. Realmente, foi a mais importante, pois novamente contei com a participação, dessa vez bem mais significativa, do Exército Brasileiro.

CIASC - V.Exa. é ex-combatente da 2ª Guerra Mundial. Qual o ensinamento colhido dessa inigualável experiência?

Alte Monnerat – Na guerra eu aprendi tudo com a Marinha. Naquela época, os fatos narrados a seguir confirmam o que acabei de declarar: aprendi tudo com a Marinha, e a Marinha, muito com a guerra.

Antes da guerra, as operações feitas pela Marinha resumiam-se praticamente ao emprego da artilharia, de torpedos e de minas e sequer havia um navio equipado com RADAR ou SONAR.

No entanto, antes mesmo do Brasil entrar na guerra, a Marinha iniciara em 1941, um serviço de patrulha no litoral nordeste e na entrada da barra do Rio de Janeiro.

Além disso, para proteger o porto, construiu uma rede metálica anti-submarinos, como a de um campo de tênis, estendida da ponta do farolete da ilha de Villegaignon até a ponta do Forte de Gragoatá, em Niterói.

Eu era 2º Tenente e estava embarcado no Encouraçado “Minas Gerais”. Fui designado Imediato do NHi “Itapemirim”, usado no patrulhamento interno da barra durante o dia e do controle do portão da rede metálica durante a noite.

Promovido a 1º Tenente, após a entrada do Brasil na guerra, fui designado para o Cruzador “Rio Grande do Sul”, onde sucessivamente, como encarregado das Divisões de Caldeira e Eletricidade, participei das escoltas de oito comboios de navios mercantes na nossa costa, do Rio de Janeiro a Recife e de Recife ao Rio de Janeiro.

Em novembro de 1943, fui designado para cursar nos Estados Unidos, os cursos de Tática Anti-Submarino em

Key West, na Fleet Sound School; de Manutenção de Agulhas Giroscópicas, em New York, na Sperry Giroscop; e de Motores diesel, em Cleveland, na General Motors Plant.

Ao retornar ao Brasil, embarquei no Caça-Submarinos “Guajará” (Caça-Ferro), como Imediato e Encarregado do Armamento. Até o fim da guerra, nele tomei parte em patrulhas e escoltas de oito comboios de Recife a Trinidad (no Caribe) e de Trinidad a Recife.

Interinamente, comandeí o CS-“Guajará” durante dois meses, sendo logo depois promovido a Capitão-Tenente, durante um dos últimos comboios que fiz.

CIASC - V.Exa. falou que participou de nove Operações Anfíbias. Houve alguma que foi marcante?

Alte Monnerat – Na realidade foram dez Operações Anfíbias (Springboard, Veritas, Dragão IX, Dragão X, NINFA IV e Dragão XII), além de 5 OpAnf (Adestramento) e 7 ANFIBIEX, todas com a participação de um ou dois NDCC.

Dentre todas destaco duas: a primeira, a VERITAS I (1968), meu batismo em Operações Anfíbias e a última, a Dragão XII (1976), minha despedida de saudosa memória.

A VERITAS I, por ser a primeira Operação Anfíbia realizada pela nossa Marinha em território estrangeiro (Porto Rico, USA), distante cerca de 7.000 milhas de nossa Base, no Rio de Janeiro.

Nela tomei parte como comandante do NTr “Soares Dutra”, único navio representando a Marinha, guarnecido por pouco mais de 100 homens, transportando 6 EDVP e um contingente de 400 Fuzileiros Navais.

Todos inexperientes, sem nenhum contato prévio com a Marinha Americana, íamos participar justamente com a mais experiente Marinha do mundo, numa manobra da qual só conhecíamos o que “the book says”.

Apesar de um imprevisto de última hora, decidimos enfrentar a travessia de Belém até Porto Rico com um único turbo-gerador de eletricidade (o outro “pifara” justamente na hora do navio suspender e só foi reparado em Porto Rico).

Felizmente, tudo correu bem e o nosso entendimento com os americanos foi o melhor possível. À mostra disso, foi um fato também imprevisto.

Um “Marine”, após um almoço que oferecemos a bordo para um grupo de Oficiais e Praças, chegou ao Portaló, em fila com outros “marines”, fardado inteiramente com o uniforme dos nossos Fuzileiros Navais, tomando-o por um dos nossos, interpelei-o: “Ei, você, aonde vai?”

A resposta foi rápida: “I beg you pardon, sir. I am American. I go home” – Diante de uma risada geral, só me ocorreu dizer: “Well, good luck”, enquanto lá adiante no convés, um “Naval”, com a farda completa de um “Marine” era cercado por companheiros que queriam jogá-lo na água, em comemoração ao feito da troca de uniformes.

A DRAGÃO XII merece destaque por ter sido a

primeira em conjunto com o Exército Brasileiro, representado por um contingente de 169 homens da 9ª Brigada de Infantaria Motorizada.

Foi realizada na costa do Espírito Santo, na região de Guarapari, na Praia do Riacho, por uma Força Tarefa Anfíbia constituída por 12 navios, sendo 3 Contra-Torpedeiros, 2 Navios de Desembarque de Carros de Combate, 1 Navio Transporte de Tropa, 1 Submarino, 2 Navios Varredores, 1 Rebocador de Alto-Mar, 1 Navio Oficina, 1 Navio de Salvamento de submarinos, 5 Helicópteros da Força Aeronaval e 15 Embarcações de Desembarque de Viaturas e Pessoal, além de Aeronaves de Observação, Reconhecimento e Ataque da FAB.

CIASC - V.Exa. comandou o NTr “Soares Dutra” e depois, já como Almirante, a FTM. O senhor considera que na sua experiência na Força, a implementação da manobra de casamento de pontões foi uma das de maior monta ou importância em relação às Operações Anfíbias?

Alte Monnerat – Naquela época sim, porque era o único meio que nos restava para fazer desembarques em praias cujo gradiente não permitia abicagem direta dos NDCC. Hoje já temos 2 Navios Docas de Desembarque e outros meios que, em parte, substituem os NDCC.

CIASC - Qual a perspectiva que o senhor tem em relação ao futuro das Operações Anfíbias?

Alte Monnerat – Não tenho dúvida que a familiarização da nossa Marinha, inclusive é claro, a do nosso Corpo de Fuzileiros Navais com as Operações Anfíbias, constitui em elemento importantíssimo, que muito concorre para o reforço do nosso Poder Naval.

CIASC - Na ótica do senhor, existe alguma experiência do passado, que deveria ser resgatada?

Alte Monnerat – Pelo conhecimento que tenho agora, dos meios disponíveis hoje e do tirocínio adquirido pela Marinha na execução de Operações Anfíbias, penso que resta apenas: “manter o rumo e aumentar as rotações”.

CIASC - Existe alguma mensagem que V.Exa. gostaria de deixar para o nosso Centro de Instrução?

Alte Monnerat – Que os Fuzileiros Navais continuem se dedicando com o mesmo empenho, entusiasmo e profissionalismo invejáveis, que sempre demonstraram pela especialidade que escolheram. De minha parte, creio que participei intensamente, em período expressivo de minha carreira, do desenvolvimento dessa importante modalidade de Operações Anfíbias, aderindo totalmente ao histórico lema dos Fuzileiros Navais – “ADSUMUS”, ao qual ainda me considero plenamente integrado.